**RODAS DE LEITURA NA UNIVERSIDADE: RESSIGNIFICAÇÃO DO CONCEITO
DE
SUJEITO-LEITOR E DE INTERAÇÃO NO CONTEXTO DOS GÊNEROS
EMERGENTES DA CONTEMPORANEIDADE: IMPLICAÇÕES DIDÁTICO-
PEDAGÓGICAS**

Ana Maria Pires Novaes¹

O presente artigo resulta de atividade do Projeto “Rodas de Leitura / Formação de Leitores”, desenvolvida em março de 2010, com alunos de diferentes cursos da UNISUAM – Centro Universitário Augusto Motta, instituição de ensino localizada na cidade do Rio de Janeiro. Tal Projeto, ao ter como matéria-prima o texto literário e como objetivos o aprimoramento da leitura crítica e da análise, bem como o debate em torno da temática dos textos apresentados, entre outros, pretende, além de fomentar o interesse pelo universo da leitura, inserir os alunos dos diferentes cursos da IES em um contexto sociocultural e acadêmico mais amplo, estimulando-os ao estudo e à pesquisa permanentes.

As rodas de leitura visam desenvolver as práticas de leitura e escrita para além da sala de aula, de modo a contribuir para o letramento contínuo do graduando, fundamental para que este possa atingir a autonomia intelectual e a atuação cidadã na sociedade em que se insere. Visam, ainda, principalmente em relação aos alunos do curso de Letras, propiciar a vivência de atividades que permitirão uma prática pedagógica mais criativa e em consonância com as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que, dentro da diversidade dos gêneros, tratam da especificidade do texto literário.

Busca-se, nos conceitos de interação, dialogismo, polifonia e intersubjetividade (BAKHTIN, 1986), o ponto de ancoragem para a análise implementada. Além disso, parte-se da concepção de gêneros do discurso (BAKHTIN, 2000) para se discutir a ressignificação do sujeito-leitor nos gêneros da esfera eletrônica, em especial no gênero *chat*, e as implicações didático-pedagógicas das novas práticas de leitura e escrita.

A roda de leitura, objeto deste estudo, tem como textos motivadores o poema *Os Estatutos do Homem*, de Thiago de Mello, escrito no período de exílio no Chile, em decorrência do golpe militar de 1964, e a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, adotada e proclamada pela Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. A seleção desses textos visou contemplar a proximidade tanto temática – ideais

¹ Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM) / Universidade Estácio de Sá (UNESA)

democráticos de liberdade, justiça, fraternidade, entre outros -, quanto composicional e tipológica, uma vez que os textos apresentam normas, regras de conduta, à semelhança de leis e decretos. Não só o título do poema faz referência ao gênero como também as diferentes estrofes apresentam-se numa seqüência de artigos em que comandos, ordens, pedidos, intenções definem uma tipologia injuntiva (“Fica decretado” / “decreta-se”/ “Por decreto irrevogável” / “Fica permitido” / “Fica proibido”). A seleção objetivou ainda um intercâmbio entre a linguagem literária e a linguagem referencial, com vistas à percepção não só de especificidades e interfaces, mas também do discurso polifônico.

Exemplifica-se:

Artigo I

Fica decretado que agora vale a verdade,
agora vale a vida,
e de mãos dadas,
marcharemos todos pela vida verdadeira. (MELLO, 2004)

Artigo I

Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade. (ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948)

Não se pode esquecer que para Bakhtin a interação verbal é a realidade fundamental da linguagem. Cada palavra emitida “é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém” e serve de expressão a um em relação ao outro (BAKHTIN,1986:113). Como decorrência dessa reciprocidade, toda ação verbal toma, socialmente, a forma de uma interação entre um Eu e um Outro que, intersubjetivamente, constroem o texto e seus sentidos. Assim, na visão bakhtiniana, “compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente [...] Compreender é opor à palavra do locutor uma ‘contrapalavra” (BAKHTIN, 1986:131).

Nessa perspectiva, a questão do dialogismo tem uma dupla e indissolúvel dimensão: a de diálogo entre interlocutores e a de diálogo entre discursos. A primeira, diz respeito às relações entre sujeitos que interagem; a segunda, assinala que o discurso de um indivíduo interage com outros discursos, explícita ou implicitamente. Desse modo, um enunciado, produzido em um momento sócio-histórico determinado, não pode deixar de refletir um diálogo social mais amplo, em que estão presentes também aspectos sócio-ideológicos.

Após a leitura oral do texto poético e de alguns artigos da Declaração da qual participaram ativamente os alunos, buscou-se evidenciar o contexto sociocultural e político em que tais textos foram produzidos. No primeiro, o cenário da ditadura militar, do AI-5, da censura, da falta de liberdade, da perseguição política, entre outros aspectos; no segundo, o clima do pós-guerra, o repúdio a todas as formas de discriminação, a busca dos ideais de fraternidade, justiça, paz, igualdade.

Artigo V

Fica decretado que os homens
estão livres do jugo da mentira.
Nunca mais será preciso usar
a couraça do silêncio
nem a armadura de palavras.
O homem se sentará à mesa
com seu olhar limpo
porque a verdade passará a ser servida
antes da sobremesa. (MELLO, 2004)

Artigo II

Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição. (ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948)

A contextualização deu base para as discussões que se seguiram em torno dos temas e gerou um debate profícuo das questões levantadas, permitindo que os participantes percebessem tanto a intertextualidade quanto a presença de vozes que ecoam dos diferentes discursos da própria sociedade. Por meio da discussão e da análise, os alunos, sob a orientação da professora responsável, puderam perceber que o discurso de um indivíduo interage com outros discursos, explícita ou implicitamente; é tecido também por outras vozes que, ao emergirem de um contexto mais amplo – da história, da memória – se entrecruzam, se completam, polemizam entre si na construção de sentidos.

Ao organizar o texto de maneira a compreender e a se fazer compreender, o locutor, além do instrumental linguístico, mobiliza normas e estratégias de uso que se combinam com regras culturais, sociais e situacionais, conhecidas e reconhecidas pelos participantes do evento interacional. O esforço na produção do enunciado se manifesta por marcas que esse locutor deixa no texto e que funcionam como pistas para que seu interlocutor possa compreendê-lo. Ao fazer alusão ao dia 31 de março de 1964, data do golpe militar que instaurou a ditadura no país, por exemplo, o poeta no artigo II diz: “Fica decretado que todos os dias da semana, / inclusive *as terças-feiras mais cinzentas*, / têm direito a converte-se em

manhãs de domingo”; do mesmo modo, ao falar da perseguição política, da prisão, da defesa da democracia e da esperança pelo fim da ditadura, constrói imagens – metáforas e comparações - que, por meio da ativação do contexto sociocognitivo, são interpretadas pelo interlocutor: “Artigo III: Fica decretado que, a partir deste instante, / *haverá girassóis em todas as janelas, / que os girassóis terão direito / a abrir-se dentro da sombra [...] “/; “Artigo Final:[..] A partir deste instante / a liberdade será algo vivo e transparente / como um fogo ou um rio / e a sua morada será sempre / o coração do homem” (MELLO, 2004).*

Vista sob o prisma da interatividade, a compreensão torna-se atividade altamente complexa de produção de sentido, realizada por parceiros que interagem numa dada situação sociocomunicativa.

Como atividade decorrente dessa roda de leitura, foi proposto ao grupo participante a discussão da temática na esfera eletrônica, na *web*, em conversa materializada no gênero *chat*. Com isso, pretendeu-se dar prosseguimento ao diálogo, às discussões iniciadas na roda de leitura em um outro cenário e possibilitar ao alunado o contato com uma ferramenta que estabelece não só uma nova postura no que diz respeito ao processo de leitura e escrita como também na relação leitor e autor/escritor. Discutir sobre esse gênero do discurso, suas marcas e as implicações didático-pedagógicas de sua utilização no espaço acadêmico é o que se propõe a seguir.

A noção bakhtiniana de gênero amplia o conceito do termo para um conjunto de práticas discursivas que decorrem do fato de ser a linguagem utilizada de diferentes maneiras, para diferentes funções e em diferentes situações sociais. Cada uma dessas situações determina gêneros com características temáticas, composicionais e estilísticas próprias.

No processo de formação, os gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea (BAKHTIN, 2000:281), transformam-se dentro destes, perdem sua relação imediata com a realidade existente. Tais mudanças comprovam que os gêneros, mesmo sendo formas tipificadas, são dinâmicos, permitem misturas, inter-relações para dar conta de necessidades da vida social, que se manifestam em novas circunstâncias.

Os suportes tecnológicos da atualidade, principalmente, a internet, favorecem o surgimento de uma variedade de novos gêneros como, por exemplo, bate-papos virtuais (*chats*), aulas virtuais, *blogs*, entre outros, com características típicas da oralidade e da escrita. Na verdade, não são inovações absolutas, mas formas discursivas que se ancoram em gêneros já existentes.

Os *gêneros emergentes*, resultantes, muitas vezes, de um certo hibridismo, redefinem os usos da linguagem na atualidade e rompem as fronteiras entre oralidade e escrita. Ao se constituírem como textos mistos, tornam possível que uma propriedade, como a simultaneidade temporal, até há pouco, exclusiva da fala, esteja presente na prática da escrita a distância. Escrever pelo computador no contexto da produção discursiva dos bate-papos síncronos (*on-line*) não é uma nova forma de escrita, mas uma nova relação com os processos de escrita, um *novo letramento* (MARCUSCHI, 2004:64).

A relação dialógica, no caso do *chat*, apresenta-se na forma de uma conversação que se dá por meio de enunciados construídos num “texto falado por escrito” (HILGERT, 2000:17). Tem muito de uma conversa espontânea – alto grau de informalidade e descontração, frequentemente uma escrita abreviada, recorrência de períodos curtos e de marcadores conversacionais, presença de *emoticons*, ícones que traduzem sentimentos e emoções dos interlocutores, além de outros recursos que suprem a ausência da voz, dos gestos, da expressão fisionômica, característicos da interação face a face, como, por exemplo, o uso excessivo dos sinais de pontuação, letras em tamanho maior ou menor, alongamento de vogais e consoantes, quebra de fronteiras entre as palavras.

As conversas se estabelecem numa rede de ligações na qual se recebem mensagens que podem ser respondidas numa alternância ininterrupta de enunciados. Como explicam Bernardes e Vieira (2006:58-59), “concordando, discordando, completando, opinando sobre um tema que ali se constituiu enquanto objeto de interlocução discursiva, promove-se uma alternância desejada na qual o ouvinte não é passivo, porque assume uma atitude responsiva ativa diante do texto que lê.”

Numa leitura que se torna escritura, o leitor passa a ter um papel mais ativo, e a fronteira entre o escritor e o leitor se fragiliza, visto que a produção do texto resulta de uma co-autoria. Ao analisar os novos gêneros do ciberespaço, Costa (2006:26) chama a atenção não só para a quebra das concepções tradicionais de oralidade e escrita mas também para a dissolução das fronteiras entre leitura e escrita e para novos conceitos de autoria, escritor, leitor. Para esse autor, ao *navegar* na rede, não estaremos nos apropriando apenas de “novos códigos sonoro-visuais ou gráfico-auditivos comunicativos para ler e escrever, mas, sim, construindo um novo objeto conceitual mediado por novos tipos de interação linguística, social e cultural.”

Tendo em vista os novos formatos de leitura e escrita e uma mudança na concepção de leitor e autor determinados, em especial, pelo uso do computador e pelos hipertextos, um novo cenário educacional se apresenta. Assim como no final dos anos 90, os Parâmetros

Curriculares Nacionais transformaram os gêneros discursivos em objeto de ensino e possibilitaram uma revisão nas relações entre oralidade e escrita, os gêneros digitais da atualidade também vão determinar alterações curriculares e uma nova postura didático-pedagógica. É necessário, portanto, que os sistemas de ensino, em todos os níveis, não só capacitem os professores para o domínio das ferramentas oferecidas pelo ambiente virtual, mas promovam, de fato, um redirecionamento das formas de ensino / aprendizagem. Em relação aos alunos, deve a Escola oportunizar experiências que os preparem para lidar com novos gêneros discursivos, novas formas de ler e escrever em sintonia com um mundo em permanente transformação, onde não mais existem barreiras de tempo e espaço.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Ensino Superior).

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BERNARDES, Alessandra Sexto; VIEIRA, Paula M. Teixeira. O *chat* como produção de linguagem. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (Org.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 45-63.

COSTA, Sérgio Roberto. Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper)textuais na Internet. In: _____; FREITAS, Maria Teresa de Assunção (orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.19-27.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas, 10 de dezembro de 1948. Disponível em: www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php- Acesso em 22 fev. 2010.

HILGERT, José Gaston. A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na Internet. In: PRETI, Dino (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, FFLCH, USP, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro; Lucerna, 2004. p.13-67.

MELLO, Thiago de. *Os estatutos do homem*. 2 ed. Cotia, SP: Vergara e Riba Editores, 2004.